
A Última Superação do Marxismo*

Georg Lukács



É difícil que se passe um ano sem que Marx seja “superado” por algum solícito livre docente ou por algum filósofo da moda. A luta mortal que a sociedade burguesa deve realizar se desenvolve também no terreno ideológico. Estas superações mostram ao observador atento sempre o mesmo rosto. Mudam o teor da demonstração, os argumentos gnosiológicos ou metafísicos parecem novos, porém o caráter essencial, o ponto de partida e o ponto de chegada, são sempre os mesmos. Eles encontram sua origem na natureza pequeno-burguesa-parasitária da situação de classe dos intelectuais. Como verdadeiros pequeno-burgueses, os intelectuais não estão em condições de ver de maneira correta a realidade da luta de classes, e portanto menos ainda estão em condições de valorá-la. Eles tendem, como disse Marx, para as instituições estabelecidas, tal como para “não abolir os dois extremos, capital e trabalho assalariado, mas sim para atenuar suas contradições e levá-los a conviver em harmonia”. Dado que os intelectuais são seres parasitários dentro do Estado capitalista, este último se lhes apresenta com um absoluto, ou ainda como o Absoluto. Eles contrapõem à teoria marxista uma utopia que, despojada das frases mais ou menos sedutoras, repousa sobre a glorificação do Estado existente”.

* Tradução de Nildo Viana.

Artigo publicado pela primeira vez na Revista *Kommunismos*, nº 05, em 1920.

Trata-se de um artigo de juventude de Lukács, na mesma época em que escreveu *História e Consciência de Classe*. Georg Lukács, pensador húngaro que teve grande influência da filosofia alemã e em seus primeiros escritos demonstra influência dos neokantianos e depois se aproxima do marxismo (a época deste texto) e depois assume posição leninista. Suas principais obras são *História e Consciência de Classe*; *Ontologia do Ser Social*; *Estética*.

61

O último grande representante desta série é o filósofo da moda Oswald Spengler, cuja obra *A Decadência do Ocidente*, embora engenhosa, mas em seu conjunto diletantesca, obteve recentemente este êxito que na realidade devia ter ocorrido com a profunda obra de Ernst Bloch, *O Espírito da Utopia*. O novo livro do senhor Spengler, *Prussianismo e Socialismo*, quer libertar o socialismo alemão de Marx”. Escapou a Marx, parece, o grande problema da história da filosofia na época moderna, que nosso filósofo resume assim: “três povos personificaram o socialismo em sentido geral: espanhóis, ingleses e prussianos. Em Paris e em Florença se desenvolveu o oposto anárquico ao outro dos italianos e franceses. Marx não estava por isso em condições de fazer os seguintes descobrimentos fundamentais: primeiro, que na revolução francesa não houve luta de classes; que não existe burguesia francesa, no entanto, “porém, todo verdadeiro francês era e é hoje um burguês”. Todo verdadeiro alemão é um operário”; na França não existem verdadeiras classes.

O segundo descobrimento é que na Inglaterra não existe o Estado; que somente a Inglaterra conhece o capitalismo no sentido verdadeiro; que em conseqüência só a Inglaterra existe uma distinção de classes. Assim, o superficial Marx, que distingui as classes segundo sua posição no processo de produção, foi aprofundado e superado; a divisão de classes deriva da distinta possessão de bens, é a contraposição entre rico e pobre. O pobre Marx, a quem escapou tudo isto, não podia portanto deixar de escapar também o fato de que o socialismo estava já realizado há muito tempo atrás, no reino da Prússia. Por este motivo, Marx não estava em condições de compreender o problema do Estado; disto segue seu elogio “diletantesco” da Comuna de 1871; e por isso mesmo não esteve em condições de apreciar o sistema dos conselhos (Rätesystem) que o Barão von Stein projetou anos antes. O socialismo superficial é recuperado da seguinte maneira pelo socialismo filosoficamente aprofundado. Este socialismo é uma ordem de autoridade, “dito em linguagem técnica, é o princípio burocrático”. Assim, é natural que Marx não tenha visto nem sequer a socialização já existente “introduzida por Frederico Guilherme I e incessantemente desenvolvida até Bismarck”. Correspondendo a esta filosofia profunda, também o conceito de imperialismo é renovado: “a verdadeira internacional é o imperialismo”. Por isso, ambos os partidos, o conservador e o socialista, como representantes do socialismo aprofundado, pertencem ao mesmo grupo: os conservadores eram melhores oficiais, os socialistas melhores soldados”.

A reconciliação destes irmãos-inimigos é o objetivo do socialismo redescoberto filosoficamente. Vale a pena a crítica de tais escritos? Considerados como sintomas, eles são interessantes. O fato de que a única citação do senhor Spengler seja do senhor Lensch não demonstra somente sua ignorância em matéria de marxismo, mas também aonde levam necessariamente a teoria e a práxis dos socialistas de direita. E o restante deste folheto não se distingue em nada de outras “superações” do marxismo arqui-

conhecidas desde tempos de Dühring e companhia, já então na primeira fila da adoração do Estado prussiano. Somente é novo que se comprove que tampouco a revolução conseguirá curar os alemães “de seu espírito servil, radicado na consciência nacional”, como disse Engels.